

UM ESBOÇO DA GEOGRAFIA DO LIVRO DE PIOTR KROPOTKIN NO BRASIL (1890-1960)

*AN OUTLINE OF THE GEOGRAPHY OF
PIOTR KROPOTKIN'S BOOK ON BRAZIL
(1890-1960)*

*UN APERÇU DE LA GEOGRAPHIE DU
LIVRE DE PIOTR KROPOTKINE AU
BRESIL (1890-1960)*

Breno Viotto Pedrosa
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
brenoviotto@hotmail.com

Resumo:

Objetiva-se indicar elementos que elucidem a recepção intelectual russo Piotr Kropotkin (1842-1921) no Brasil, no período de passagem do século XIX para o XX. Com base na pesquisa em acervos depositados em relevantes bibliotecas brasileiras e em alguns jornais foi possível averiguar que a chegada da obra do russo não ficou restrita ao movimento anarquista. A obra de Kropotkin foi amplamente difundida e debatida por militantes de esquerda, intelectuais, jornalistas e literatos em um contexto de troca e proximidade cultural com Portugal e outros países de idiomas latinos. Kropotkin era uma figura conhecida dentre a intelectualidade brasileira em função do internacionalismo do movimento dos trabalhadores, seu renome como cientista e como pensador social, bem como por sua estratégia editorial internacional e multilinguística.

Palavras-chave: Kropotkin, anarquismo, circulação de ideias, recepção intelectual.

Terra Livre	São Paulo	Ano 40, v.1, n.64, jan-jun 2025	ISSN: 2674-8355
-------------	-----------	---------------------------------	-----------------



Este trabalho está licenciado com <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Abstract:

The aim of this article is to highlight elements to elucidate the intellectual reception of Piotr Kropotkin (1842-1921) in Brazil at the turn of the 19th to the 20th century. Based on research conducted in collections housed in significant Brazilian libraries and in some newspapers, it was possible to verify that the arrival of the Russian's work was not confined to the anarchist movement. Kropotkin's work was widely disseminated and debated by leftist activists, intellectuals, journalists, and writers in a context of exchange and cultural proximity with Portugal and other Latin language countries. Kropotkin was a well-known figure among Brazilian intellectuals due to the internationalism of the workers' movement, his renown as a scientist and social thinker, as well as his international and multilingual editorial strategy.

Keywords: Kropotkin, anarchism, knowledge circulation, intellectual reception.

Résumé:

L'objectif de cet article c'est d'indiquer des éléments qui éclairent la réception intellectuelle de Piotr Kropotkine (1842-1921) au Brésil à la fin du XIXe siècle et au début du XXe siècle. Sur la base de recherches dans des collections déposées dans des importantes bibliothèques brésiliennes et dans certains journaux, il a été possible de vérifier que l'arrivée de l'œuvre du russe ne s'est pas limitée au mouvement anarchiste. L'œuvre de Kropotkine a été largement diffusée et débattue par des militants de gauche, des intellectuels, des journalistes et des écrivains dans un contexte d'échange et de proximité culturelle avec Portugal et d'autres pays de langues latines. Kropotkine était une figure bien connue parmi les intellectuels brésiliens en raison de l'internationalisme du mouvement ouvrier, de sa renommée en tant que scientifique et penseur social, ainsi que de sa stratégie éditoriale internationale et multilingue.

Mots-clés: Kropotkine, anarchisme, circulation des idées, réception intellectuelle.

Introdução

O objetivo deste artigo é elucidar a recepção intelectual da obra de P. Kropotkin (1842-1921) no Brasil, dando continuidade à hipótese de que o capital político e cultural de Kropotkin se retroalimentavam e isso impulsionou a ampla divulgação de sua obra. Pesquisas recentes, como as de Ferretti (2007; 2019), já trouxeram luz à força do capital social e cultural de Kropotkin, demonstrando que sua rede de pesquisa envolvia geógrafos, anarquistas e uma ampla gama de colaboradores acadêmicos e oriundos da sociedade civil organizada: o vegetarianismo, o internacionalismo, o socialismo de forma geral, o populismo russo, a luta pelo direito das mulheres (ver Pereira, 2021) e a crítica aos imperialismos europeus.

Ferretti (2007) demonstra ainda como os geógrafos anarquistas da rede de É. Reclus (1830-1905) e Kropotkin compartilham importantes pressupostos de método como a inspiração positivista, o materialismo, o uso do darwinismo-lamarckismo, a valorização da história pelo viés da geografia de Carl Ritter (1779-1859), ou ainda a busca de sínteses totalizantes na tradição de Alexander von Humboldt (1769-1859). Pesquisas recentes (Varengo, 2011; 2018; Ferretti, 2019) mostram ainda que longe de ser uma figura isolada, Kropotkin, durante seu exílio na Inglaterra, tinha contatos, circulava, debatia e expunha suas ideias nos principais grupos políticos da esquerda socialista, além de ter o respeito de figuras conservadoras e liberais (Shpayer-Makov, 1987). O mesmo se pode depreender da análise de suas cartas, pois Kropotkin dialogava com um amplo espectro de atores políticos, notadamente da esquerda, na Rússia e em diversos países, defendendo sua agenda política, o

anarco-comunismo, uma posição clara e sistemática oriunda do anarquismo do século XIX (Ferretti, 2019; 2011). Certamente, esse quadro só se altera a partir do momento que Kropotkin defende a Entente – França, Rússia e Inglaterra que confrontaram a Alemanha e seus aliados – face ao conflito da Primeira Guerra Mundial (MILLER, 1976).

Nossa análise busca privilegiar a recepção de Kropotkin no meio intelectual tentando averiguar se, e como, sua obra circulou no Brasil. Para tanto, recorreremos à busca no acervo de bibliotecas e também nos jornais da época, enfocando os artigos escritos por intelectuais e críticos literários, para vislumbrarmos como foi a acolhida de Kropotkin no Brasil. Utilizamos um método, portanto, similar ao de Keighren (2010) que tratou da recepção de Ellen Semple no mundo anglófono e que recorreu às edições e suas respectivas elaborações, às resenhas publicadas em jornais e revistas acadêmicas, além de se valer até mesmo do levantamento de exemplares em bibliotecas. Busca-se inspiração, igualmente, na obra de Febvre e Martin (2015) no tocante à geografia e difusão do livro.

Paralelamente, no movimento operário do início do século XX a referência a Kropotkin é central, uma vez que os migrantes italianos, espanhóis, portugueses, dentre outros, trouxeram seu legado para a luta operária do Brasil, país que começava a se industrializar. Em função da organização operária e popular, logo as ideias anarquistas estavam difundidas no território nacional. Como destacou Viana (2014, p. 182) os mesmos circuitos responsáveis pelos jornais de propaganda política eram também difusores de livros, inclusive estrangeiros. Assim, o “médico e higienista Fábio Luz encontrou na Bahia *Palavras de um Revoltado*, de Kropotkine, leu essa revolucionária obra e tornou-se anarquista” (Rodrigues, 2010, p. 1);

e um anúncio no jornal anarquista *Ação Direta* (1958, p. 2) acerca de dois livros de Kropotkin se inicia com os dizeres “É, talvez, Kropotkine, o autor ácrata que mais tenha sido traduzido no Brasil”. Como demonstrou Secco (2017), no Brasil, o primeiro partido comunista é oriundo do movimento anarquista que conhecia Kropotkin, bem como sua ênfase nas ciências naturais e no darwinismo para a formação de uma visão de mundo. Destaca-se ainda que, a circulação das obras de Kropotkin em idiomas latinos, conferiu-lhe uma relevância em outros países da América Latina.

Em síntese, busca-se traçar uma história dos livros de Kropotkin no Brasil, ou melhor, uma geografia preliminar da recepção, uma vez que este país recebeu muitas edições, principalmente em línguas latinas, revelando que anarquistas, jornalistas e pensadores sociais são os principais intelectuais interessados no seu pensamento, ou seja, ele era bastante conhecido antes da geografia crítica brasileira dos anos 1970. Responder como o pensamento do anarquista russo chega à periferia do sistema capitalista é uma tarefa complexa e envolve relações culturais entre Rússia, França, Portugal e Brasil. Tentaremos, minimamente, remontar esse encadeamento que permitiu o interesse, a tradução e reivindicação do anarquista russo, para além do movimento operário.

P. Bourdieu também nos auxilia na compreensão da recepção de Kropotkin no Brasil. Fundamentalmente, Kropotkin possuía um enorme capital político e científico, o que tornou seu trabalho reconhecido tanto no campo da esquerda, quanto acadêmico. Da mesma forma, devemos observar o *habitus* (Bourdieu, 2016) de Kropotkin de investir no multilinguismo e internacionalismo como estratégia política para a disseminação de seu pensamento. O resultado disso é a chegada de sua obra ao Brasil de maneira

multifacetada, por meio de diversas redes. Esse sucesso é resultado de sua posição no campo do anarquismo internacional e, igualmente, do capital cultural científico acumulado pelo russo, visto como cientista e pensador social.

De acordo com Bourdieu (2001), há uma tendência de internacionalização gradual dos campos científico e literário, uma vez que esse processo contribui para uma reprodução expandida de processos de dominação simbólica. Nesse sentido, o pensamento de Kropotkin é incorporado como fator modernizador multifacetado, de acordo com os grupos que o leram e o interpretaram: o movimento operário o absorve para renovar as ideias socialistas; os literatos o utilizam para recriar a literatura brasileira inspirada por romances russos e franceses; e, por fim, os pensadores sociais o utilizam para modernizar o Brasil, que, no início do século XX, era uma jovem república com uma série de projetos nacionais em formação e disputa. A modernização descreve as respostas face ao desafio da sociedade industrial e urbana, sendo que Kropotkin propõe uma solução eminentemente anticapitalista, ou anarcocomunista para usar seu termo. Contudo, a recepção de suas ideias fica ao gosto dos leitores locais, que vão do anarquismo radical ao reformismo moderado – ao fim e ao cabo, os textos circulam sem seu contexto original de enunciação. Assim, a metodologia utilizada para rastrear Kropotkin no Brasil foi a busca por livros originais, traduções, reportagens de jornais e citações que abrangem o período de estudo (1870-1960). Trata-se de delinear uma geografia do livro e identificar em quais nichos sua presença foi notória.

A análise começa com o exame das bibliotecas da Universidade de São Paulo (USP), a partir dos livros depositados em catálogos gerais e coleções particulares. Na segunda parte, o mesmo foi feito

com os livros das bibliotecas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e na parte final, se discute, a partir de recortes, como Kropotkin aparece na imprensa brasileira, a partir de pesquisa na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional.

A coleção da Universidade de São Paulo (USP)

Nas bibliotecas da USP se encontram 58 obras de Kropotkin publicadas antes de 1960. Seleccionamos essa data, porque depois dela Kropotkin e o anarquismo clássico começam, lentamente, a ser revalorizados ou revistos (Préposiet, 2007). O maio de 1968, dá novos ares e rumos ao anarquismo.

Encontra-se depositado na USP o acervo de Edgar Carone (1923-2003), um historiador pioneiro na análise da esquerda no Brasil. Como demonstrou Secco (2017) é razoável admitir que a biblioteca de Carone reflete, de alguma forma, o que era adquirido pelas figuras da esquerda no início do século XX, pois ele possuía parte da biblioteca pessoal de Astrojildo Pereira (1890-1965), um dos primeiros membros do Partido Comunista Brasileiro. Segundo Dulles (1973, p. 34), o jovem Pereira teria se convertido ao anarquismo após ler *A conquista do pão* de Kropotkin. O mesmo ocorre com Primitivo Raimundo Soares, que pede baixa da força pública e se torna militante anarquista, escrevendo sob o pseudônimo de Florentino de Carvalho (Dulles, 1973, p. 20).

Além de Carone, a pesquisa ainda revela que o historiador Caio Prado Jr. (1907-1990), o geógrafo Milton Santos (1926-2001), os críticos literários Anatol Rosenfeld e Antônio Candido (1918-2017), bem como o economista Antônio Delfim Netto (1928-2024) possuíam exemplares da obra de Kropotkin. Talvez, no caso de Delfim Netto,

seria razoável admitir que algumas obras tenham sido compradas no exterior e que não circulavam amplamente no Brasil, pois, a maioria dos livros está em inglês, o que destoa dos demais, geralmente em línguas latinas mais acessíveis aos brasileiros – temos, por exemplo, uma edição em russo de *Apoio mútuo*, de 1921, publicada em Nova York, certamente destinada à comunidade imigrante. Delfim foi um bibliófilo com uma extensa coleção doada à Faculdade de Economia e Administração da USP, sendo possível notar que ele adquiriu, em alguns casos, o mesmo título em edições diferentes. Esse é o caso de *Campos, fábricas e oficinas*, pois na coleção encontramos a primeira edição de 1899, londrina, e a de 1907, de Nova York.

Destaca-se ainda obras pertencentes ao acervo da Sociedade para Análise Gráfica e Mecanográfica Aplicada aos Complexos Sociais (SAGMACS), cujo fundador foi o padre dominicano Joseph-Louis Lebreton (1897-1966). Atuante, principalmente, a partir da década de 1950, a SAGMACS formou uma geração de planejadores regionais e urbanos no Brasil e desenvolveu relevantes trabalhos, notadamente, por encomenda da Comissão Interestadual da Bacia Paraná-Uruguai (CIBPU). A metodologia desenvolvida por Lebreton era influenciada por Patrick Geddes, que por sua vez foi marcado pelas ideias e pela relação pessoal com Kropotkin (Ferretti, 2019; Angelo, 2010; Chiquito, 2011). Essa presença pode indicar que Kropotkin era uma referência debatida pelo grupo e que seu pensamento influenciou sua prática do planejamento. Destaca-se ainda que o próprio Delfim Netto foi presidente da CIBPU na década de 1960.

O levantamento revela ainda uma grande diversidade de livros estrangeiros que circulavam no Brasil: temos edições italianas, espanholas, argentinas, portuguesas e francesas. Parra (2013, p.

104) destaca que, na primeira década do século XX, a Livraria Lealdade em São Paulo comercializava literatura anarquista, inclusive Kropotkin, em edições impressas na Espanha ou na editora Risveglio/Réveil, de origem suíça. Parra lembra que esses locais são espaços de sociabilidade intelectual. Além do comércio, os livros circulam ainda no âmbito privado, uma vez que em suas memórias Antônio Cândido relembra, na infância, que o poeta Martins Fontes deu o livro *O anarquismo* de Kropotkin à sua mãe, elogiando-o (Viana, 2014, p. 219).

Romani e Benevides (2019) analisaram a rede de anarquistas italianos, destacando a presença de imigrantes em toda a América, especialmente no sul do continente. Gradualmente, a ação dos anarquistas incorpora uma preocupação com a situação local dos trabalhadores, sendo que sua ação política se mistura com a de outros migrantes e com a da comunidade brasileira, existindo uma disseminação de suas ideias e organização para além dos grandes centros urbanos costeiros. Somente depois da Revolução Russa e das greves gerais ocorridas em São Paulo (1917) e Rio de Janeiro (1918), existe uma cooperação governamental para reprimir a rede de anarquistas italianos na América do Sul, desarticulando-a. Brasil, Uruguai e Argentina foram centrais nessas redes, que incluíam a circulação de figuras políticas expulsas, livros e jornais.

O mais surpreendente é que, precocemente, temos no Brasil a edição dos livros de Kropotkin. Em São Paulo, por exemplo, no ano de 1904, temos uma edição em italiano d'*A Conquista do Pão*, publicada pelo grupo anarquista *La Propaganda*. Alguns anos depois, em 1913, pela Prometheu, é publicado o livro *A questão social: o anarquismo em face da ciência* traduzido do inglês por Hendioser. Apesar de um título diferente, o livro corresponde em

estrutura ao *Modern science and anarchism*, de 1912, publicada em Londres pela *Freedom Press*. Sabe-se, entretanto, que esse livro teve, em inglês e em francês, reedições mais longas, que além da parte I e II, respectivamente sobre a relação entre ciência e anarquia e a história do anarquismo, incluirá os artigos *O Estado: seu papel na história, o Estado moderno*, dentre outros. Segundo Secco (2017, p. 54) os anarquistas, em 1920, mantinham uma gráfica popular que editou *A grande revolução* de Kropotkin.

Para Ferretti (2019), Kropotkin tem uma estratégia editorial: palestras, artigos dos jornais e de revistas científicas eram traduzidos e republicados, por vezes reunidos e transformados em livros. Observa-se um processo de concentração e dispersão: o livro *A conquista do pão*, de 1892, foi composto por uma série de artigos publicados no jornal *Le Révolté*, sendo posteriormente republicado na forma de artigos no jornal *Freedom* na Inglaterra. Para isso, Kropotkin contava com uma rede de colaboradores atuantes no campo científico e/ou nas lutas sociais (Ferretti, 2019). O russo tinha uma constante estratégia de montagem e desmontagem editorial para difundir sua mensagem em vários meios.

Ainda sobre *A questão social...*, de acordo com Viana (2014, p. 294), este livro também foi publicado pela editora Mundo Livre em 1913, no Rio de Janeiro, que voltaria a publicá-lo em 1964, sob o título *Humanismo libertário e a ciência moderna*. A mesma editora lança *A Moral Anarquista*, de Kropotkin, em 1920. Apesar de não sabermos a dimensão das tiragens ou o alcance das edições, devemos nos perguntar, por que esse livro é o primeiro a ser editado em português no Brasil? Uma hipótese bastante plausível é o fato de a obra, além do anarquismo, lidar com o tema do positivismo em um contexto em que ideias de A. Comte e H. Spencer desfrutavam de

prestígio dentre a elite social brasileira. Isso torna Kropotkin duplamente atraente, era um anarquista e um positivista em um país em plena expansão da fronteira interna, em um contexto em que romancistas e ensaístas buscavam pelo sentido do povo e da nação brasileira (Murari, 2009). Certamente, suas considerações sociais são atraentes para uma elite intelectual treinada nas ciências naturais e no positivismo, em um contexto de pré-institucionalização de vários campos do conhecimento científico, em que a literatura e os ensaios sociais tinham peso no debate nacional. Vejamos uma consideração sobre seu método:

Quando analisamos uma teoria social qualquer, nós logo percebemos que não somente ela representa um plano de partida e um ideal de reconstrução de toda a sociedade, mas que geralmente ela se liga também a um sistema qualquer da filosofia – de concepção geral da Natureza e das sociedades humanas (Kropotkin, 1913, p. V).

Materialista intransigente, Kropotkin repudia a dialética, a metafísica, a religião e valoriza a aplicação do rigor do método natural para a compreensão da sociedade. Ademais, o livro é atraente pois apresenta um glossário explicativo sobre importantes figuras do pensamento político e científico, além de elucidar termos científicos, o que, na época da prevalência da cultura impressa, tem grande valor.

Tal glossário foi composto com o auxílio de Max Nettlau, importante historiador do movimento anarquista (Kropotkin, 1913, p. I-V). No livro, Kropotkin apresenta os princípios e situa sua proposta anarquista na história das ideias, ademais, um de seus objetivos é demonstrar como o socialismo moderno é uma derivação do desenvolvimento de ideias científicas, uma vez que os grandes

pensadores do século XIX foram influenciados por Saint-Simon, R. Owen ou tradições socialistas populares (Kropotkin, 2013, p. 18-19). Tendo como referências Darwin, Lamarck, Comte e Spencer, defendendo uma perspectiva indutiva, evolucionista não linear e um método naturalista unitário para o estudo da sociedade e natureza, Kropotkin demonstra a relação entre anarquia e ciência (Kropotkin, 1913, p. 47).

Tal perspectiva, seria atrativa na atmosfera intelectual brasileira no início do século XX, inclusive para um público não anarquista. Como demonstrou Maia (2008, p. 190) o pensador social Licínio de Cardoso (1852-1926), dado à questão nacional brasileira, leu e comentou Kropotkin. Seu contemporâneo, Euclides da Cunha (1866-1909), de formação militar, recorre à obra de L. Metchnikoff, anarquista e correspondente de Kropotkin, para pensar o papel dos rios na história da Amazônia (Cunha, 1999, p. 5). Paralelamente, nesse período, o exército brasileiro é influenciado pelo positivismo, sendo que, se encontra depositado na biblioteca da Marinha um exemplar, de 1910, do livro de Kropotkin *L'entr'aide* [*O apoio mútuo*] (Paris: Stock) e, na biblioteca do Clube militar, a edição baiana de *A grande revolução* publicada em 1955.

Kropotkin ao perceber que A. Comte, assim como Darwin, se esforçava para decifrar a origem da moral humana, em uma nota de rodapé comenta:

Eu não havia me dado conta dessas passagens no momento que eu escrevia para a primeira edição deste ensaio. Eu devo a um amigo positivista do Brasil por ter chamado minha atenção sobre esse tema, ao mesmo tempo que ele me enviou uma bela edição da segunda grande obra de Comte, a *Política Positiva* (Kropotkin, 1913, p. 23).

Não conseguimos descobrir quem era o amigo, entretanto, o trecho deixa claro que Kropotkin tinha um correspondente no Brasil. Apesar disso, no período temos a perseguição aos anarquistas e a apreensão da literatura subversiva. Como demonstrou Parra (2013), Kropotkin aparecia quase invariavelmente nas apreensões conduzida pelo Departamento de Ordem Política e Social do Estado de São Paulo, durante a década de 1930, pois militantes como Ítalo Benasi e Avelino Fernandes (identidade de Paul Laurent) possuíam suas obras.

Hendioser também foi responsável pela tradução de 1933 do livro *O anarquismo suas bases científicas, sua filosofia, seu ideal, seus princípios econômicos*, pela Unitas, que seria reeditada em Salvador, pela editora Progresso, no ano de 1954 (Viana, 2014). Curiosamente, “pouco se sabe sobre Hendioser – provavelmente um pseudônimo – autor do prefácio e tradutor do livro de Kropotkin [...]. O jornal *A Plebe*, quando da edição original, apresentou-o como um ‘denodado trabalhador que, nas horas que lhe sobravam da árdua jornada de trabalho, dedicava-se à literatura libertária’” (Viana, 2014, p. 262). Segundo Viana (2014, p. 234), a editora Unitas era de propriedade de Salvador Cosi Pintaúde e tinha uma orientação trotskista.

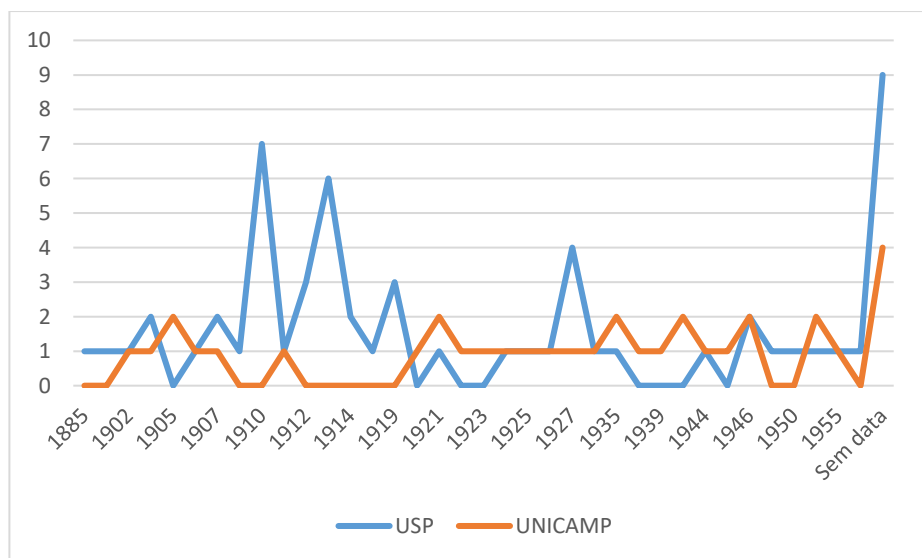
As edições brasileiras não se limitam em São Paulo e no Rio de Janeiro, pois temos uma edição de *A Grande Revolução* impressa em Salvador no ano de 1955. O levantamento das bibliotecas da USP ainda traz registros dos tradutores: *La conquista del pane*, em italiano, publicado em São Paulo no ano de 1904 é traduzida por Giuseppe Cianbilla; *Palavras de um revoltado*, edição portuguesa de 1912 foi traduzida por João Evangelista de Campos Lima, importante anarquista lusitano; *O anarquismo...*, também edição

paulistana, de 1933 é feita por Hendioser; finalmente *Em torno de uma vida*, edição paulistana de 1946, é traduzida por Berenice e Lívio Xavier, irmãos “cearenses da cidade de Granja, ambos ligados ao movimento trotskista, como também o era Rachel de Queiroz à altura. Além de tradutor, Lívio era escritor e jornalista e, assim como Queiroz, fez várias traduções para a editora José Olympio” (Viana, 2014, p. 232). Observamos que nos casos destacados, predominam tradutores que tinha engajamento político, mesmo que não fossem anarquistas. Partiremos agora para análise dos materiais encontrados nas bibliotecas da Unicamp.

O acervo da Unicamp

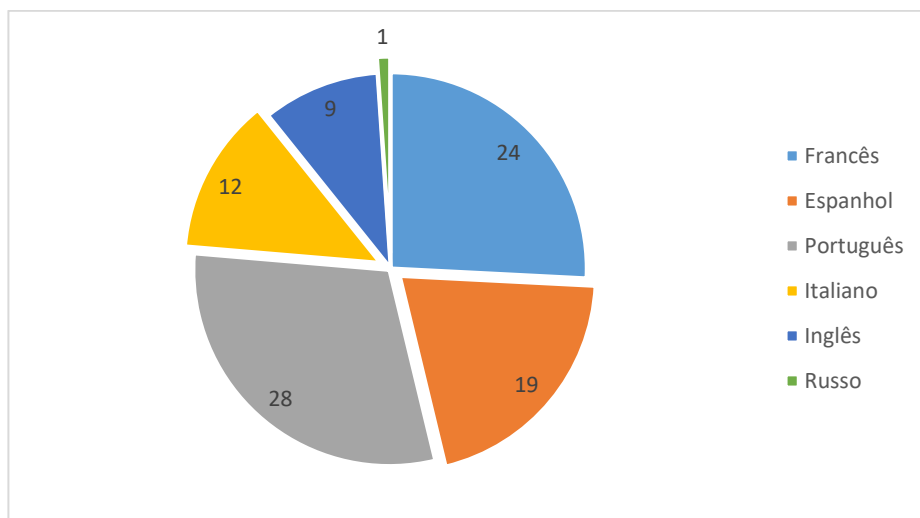
O acervo e coleções depositadas na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) acusa 33 obras de Kropotkin e para sintetizar os levantamentos, apresentamos os dois gráficos abaixo:

Gráfico 1 – Livros de Kropotkin na USP e na UNICAMP por ano de publicação



Fonte: Plataforma Dedalus (USP) e Sophia (Unicamp)

Gráfico 2 – Livros de Kropotkin nos acervos USP e Unicamp por idioma



Fonte: Plataforma Dedalus (USP) e Sophia (Unicamp)

Inferese-se que as obras de Kropotkin encontradas no Brasil foram impressas entre 1910-1930, principalmente, e que predominam as edições em línguas latinas. Nas bibliotecas da Unicamp, temos as edições brasileiras já apresentadas, além de muitas argentinas, francesas e uma grande quantia de edições italianas que pertenciam ao acervo Edgard Leuenroth (1881-1968), militante anarquista e um dos responsáveis pelo Centro de Cultura Social, em São Paulo, uma organização anarquista. Segundo Parra (2013, p. 148), o acervo de Leuenroth se confunde com o de outros militantes como Rodolpho Felipe. Ali, constam edições do grupo Risveglio/Réveil da Suíça e obras como *O terror na Rússia* que não constam nas bibliotecas da USP.

Heitor Ferreira Lima (1905-1989), que foi secretário do Partido Comunista, também consta na lista de figuras que possuíam obras

de Kropotkin, bem como Otávio Brandão (1896-1980), dirigente do mesmo Partido na década de 1920. O mesmo vale para os acervos do argentino Libório Justo (1902-2003) e Maurício Tratenberg (1929-1998) ambos trotskistas. Face ao exposto, fica claro que Kropotkin era uma referência importante no campo da esquerda com maior ou menor centralidade dependendo da orientação política: libertária, socialista ou comunista. Podemos identificar ainda uma repercussão no campo da literatura, uma vez que o crítico literário José Brito Broca (1903-1961) possuía uma edição argentina do livro de Kropotkin sobre a literatura russa.

O acervo também traz informações sobre os tradutores de Kropotkin. *Le memorie di un rivoluzionario*, edição milanesa, foi traduzida por Olivia Rossetti Agresti (1875-1960), britânica que inicia sua carreira no anarquismo, trabalha na Liga das Nações e acaba por apoiar o fascismo. *Il terrore in Russia* é traduzido do inglês por Carlo Bonapace, enquanto *A moral anarchista*, edição carioca, foi vertida por Emílio Costa (1877-1952), anarquista português, que foi secretário pessoal de Francisco Ferrer (1859-1909) e contribui, assim como Kropotkin, para os jornais *Les temps nouveaux* e *La Révolution*.

Já Nicolas Tasin (1873-1941), de origem russo judaica, radicado na Espanha, é o tradutor responsável pelas edições argentinas de *Origen y evolucion de la moral* e *Ética*. Tasin traduziu também Lenin, Tchekov, Trotsky, dentre outros. A edição argentina da obra de Kropotkin sobre a literatura russa foi traduzida para o espanhol por Salomón Resnick (1894-1946), também um russo-judeu, que migrou para Argentina e foi editor de jornais que abordavam questões judaicas (Svarch, 2021). Fermin Salvochea (1842-1907), espanhol, traduziu *Memorias de un revolucionario*, que foi editado

pela editora argentina Tupac. Salvochea, partícipe da Primeira Internacional, foi anarquista e político espanhol.

Essa lista pode ao menos nos dar algumas pistas de como circulam as traduções e quem são as figuras por detrás de sua produção, pois notamos que, ora as traduções são feitas por militantes anarquistas ou figuras políticas, ora por tradutores profissionais por assim dizer, quase sempre migrantes. Sabemos, por exemplo, que em função de seu internacionalismo, Kropotkin tinha um trânsito importante nos meios intelectuais judaicos nos EUA e na Inglaterra (Ferretti, 2019; Dugatkin, 2011).

Como podemos aferir, os circuitos de circulação das ideias de Kropotkin atingem campos diferentes do saber: (1) os militantes anarquistas; (2) pensadores, ensaístas sociais interessados pelo positivismo e/ou pelas ideias de Darwin; (3) escritores e críticos literários. No tocante ao último item, cabe lembrar que no início do século XX, a literatura representava por vezes a reflexão do debate público e como demonstrou Lottman (2009), analisando o caso francês, os escritores eram intelectuais de enorme prestígio, que tinham expressiva força nos debates públicos. Eles eram os intelectuais capazes de refletir e sugerir caminhos para sociedade. A França, além de possuir seus escritores ativos politicamente como Victor Hugo e Émile Zola, recebeu figuras importantes da literatura russa, como escritor I. Turgueniev, que Kropotkin conheceu no exílio em Paris.

Paralelamente, o trânsito cultural e político entre França e Portugal é intenso. Em Portugal, Kropotkin é traduzido precocemente e faz grande sucesso: *A Anarquia na evolução socialista* foi vertido, em 1887 – a edição francesa é de 1886 -, e *A Anarquia, a sua filosofia e o seu ideal*, em 1908 (Ministério, 1985, p.

205 e 211). Segundo Menezes (1999), o anarquismo português chega ao Rio de Janeiro por volta de 1890 e possui profundas relações com as ideias de Kropotkin e Reclus. Temos, no Brasil, a circulação de anarquistas, trabalhadores, além dos jornais populares lusitanos. Menezes (1999, p. 281) destaca 74 processos de expulsão contra estrangeiros residentes no Rio de Janeiro do início do século XX, muitos dos quais trabalhadores anarquistas portugueses.

Em Lisboa, *A revista popular de orientação racional – O Amanhã*, publica, no número 4, em 1909, o obituário que Kropotkin escreveu sobre É. Reclus. Os proprietários da revista são Grácio Ramos e Pinto Quartim, anarquistas que por razões de perseguição se dividem entre Brasil e Portugal. Quartim foi organizador de outros jornais importantes como o *Terra Livre*, que promoveu uma campanha acontecida “no ano de 1906 e visou a ajudar financeiramente anarquistas e socialistas perseguidos pelo regime czarista russo. Nessa ocasião, Neno Vasco recebeu (e publicou) uma carta que o anarquista Pedro Kropotkin lhe enviou em agradecimento à ajuda” (Dantas, 2010, s. p.). Neno Vasco (1878-1920) era outro anarquista, escritor e jornalista português que havia migrado para o Brasil. O grupo Terra Livre, inspirado pelas estratégias editoriais de Reclus e Kropotkin, além do jornal, organizam a biblioteca do trabalhador com livros vendidos a preços módicos (Menezes, 1999, p. 273). Ademais, a poesia, o teatro e até mesmo uma subversão do formalismo ortográfico para simplificar o idioma e aproximar brasileiros e portugueses estavam na ordem do dia para anarquistas como Jorge Thonar e Lírío Rezende (Menezes, 1999). No catálogo do Gabinete Português de Leitura, localizado no Rio de Janeiro, contabilizamos 14 obras de Kropotkin publicadas antes da década de 1960, a maioria delas são edições portuguesas.

Gomide (2004, p. 171) demonstrou a influência do ambiente intelectual francês na recepção dos romances russos no Brasil, ou seja, os escritores russos eram valorizados pelos franceses, que por sua vez, tinham ilações com portugueses e brasileiros. Nesse contexto, por exemplo, José Veríssimo escreveu um comentário sobre Kropotkin, reunido em coletânea no ano de 1902, citando seu livro sobre a literatura russa. A mesma obra era conhecida e também tinha grande importância para as interpretações literárias do anarquista e escritor Fábio Luz, que faz, em 1934, um comentário sobre a obra de Kropotkin no primeiro volume do livro *Diorama: aspectos literários* (Gomide, 2004, p. 351).

De acordo com Schwarcz (2017), Lima Barreto seria outro escritor influenciado por Kropotkin, bem como colegas de seus círculos literários como Domingos Ribeiro Filho. Na juventude, Lima estuda com José Oiticita, ativo militante anarquista e mais tarde conhece Fábio Luz. Lima Barreto possuía a edição francesa *d'A ajuda mútua*, de 1902, em sua biblioteca, bem como defendia uma posição pacifista, contra a violência animal e a favor da solidariedade face às perversões do capitalismo, o que são claras influências de Kropotkin e Tolstói. Em mensagem aos escritores jovens, Lima recomenda obras de Kropotkin, Reclus, Hamon, Spencer e Comte (Schwarcz, 2017, p. 352 e 433).

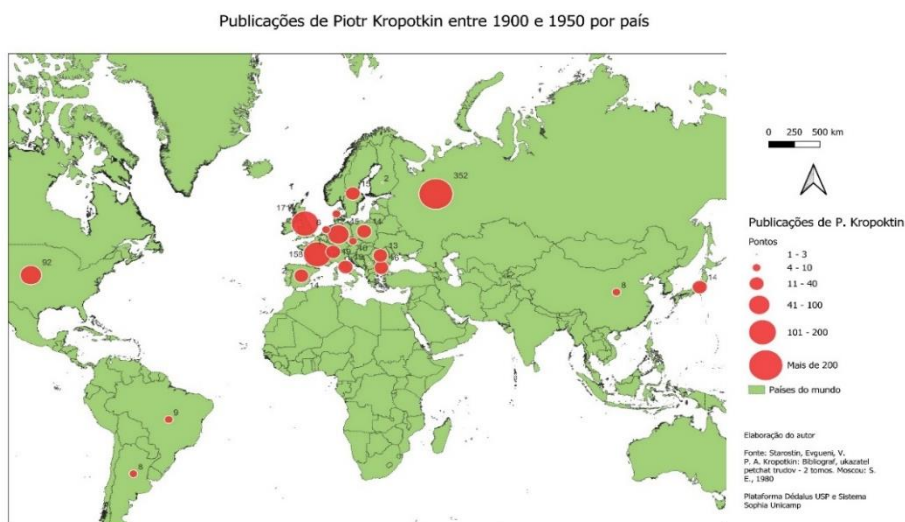
Tendo explorado alguns acervos relevantes no Brasil e tendo identificado os três circuitos que se sobrepõe na recepção intelectual de Kropotkin, partiremos agora para a análise dos jornais brasileiros.

A Imprensa brasileira

A vida de Kropotkin foi acompanhada com interesse pela imprensa nacional e internacional. O russo é egresso da aristocracia e foi pajem do Czar Alexandre II, sendo sua trajetória excêntrica por abnegar seus recursos e posição social pela luta política e por ter escapado da prisão do despótico regime czarista em 1876.

Sua conversão ao anarquismo e sua posição como expoente do movimento coroam seu renome em escala internacional. Sua presença nos jornais brasileiros é substancial: entre 1890 e 1939, o termo “Kropotkine” aparece 979 vezes, de acordo com o motor de busca da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. O mapa abaixo apresenta as publicações Kropotkin entre 1900 e 1950, em escala mundial, agregando os dados apresentados por Starostin aos de nosso levantamento:

Figura 1 – Publicações de Piotr Kropotkin entre 1900 e 1950 por país



Fonte: elaboração do autor com base em Starostin, Evgueni V. *P. A. Kropotkin : Bibliograf, ukazatel pechat trudov* – 2 tomos. Moscou: S. E., 1980; Plataforma Dedalus (USP) e Sistema Sophia (Unicamp).

Como vemos sua presença se concentra na Europa, mas atinge Brasil, Argentina, China, Japão e Estados Unidos. Nos jornais

brasileiros no início do século XX, como destacou o pesquisador Eduardo Augusto Souza Cunha¹, existem alguns estereótipos que persistem na sua caracterização: ora é tratado como um perigoso anarquista conspirador, ora como sábio utópico e ingênuo e, por fim, como intelectual e cientista crítico.

Dessa feita, se noticia o intuito de Kropotkin retornar à Rússia, cuja matéria não assinada vaticina “[Kropotkin] É um verdadeiro apóstolo. Sua vida pode ser considerada modelo de perfeita honestidade e aplicação ao trabalho; mas é sonhador e perigoso, que só servirá para perturbar a obra de organização revolucionária” (Gazeta, 1906). A Gazeta (1910) traz anúncio da venda do livro de Kropotkin “A conquista do Cão[sic]”, ofertado na Livraria Central, na rua Uruguaiana no Rio de Janeiro. As menções, entretanto, não se limitam aos periódicos cariocas, uma vez que o jornal gaúcho A federação, anuncia em 1892, que “O príncipe Kropotkine vai publicar em breve um livro denominado A conquista do Pão, em que promete dar a solução do enigma social”.

Publica-se também resenha de *A conquista do pão*, em que se elogia a obra: “Pela primeira vez o comunismo anarquista apresenta as suas reivindicações debaixo de uma forma científica e desapaixionada, que deve prender a atenção de quantos se interessam pelo povo” (Jornal, 1892, s.p. – grifo nosso). A resenha não é assinada e legitima o anarcocomunismo científico de Kropotkin. Como vimos, escritores liam Kropotkin, como, por exemplo, Eloy Pontes (1890-1967), jornalista e escritor que manteve uma coluna no jornal *O Globo* e escreveu biografias dos principais escritores brasileiros de

¹ Colóquio internacional – Piotr Kropotkin – ativismo e pesquisa, mesa 3 de jul. de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HXfg5o3CwiM&t=1806s> acesso em abr. de 2022.

sua época (Amaral, 2021, p. 46). Na Gazeta de Notícias (1916), quando Pontes é indagado sobre quais são os três livros que ele levaria para uma ilha deserta, *A Conquista do Pão* é um deles.

Outro caso interessante é o de José Francisco Xavier de Carvalho (1861-1919) jornalista e escritor lusitano, republicano, maçom e socialista, que se instala em Paris a partir de 1885. Para Prune (2019), Xavier de Carvalho tem um papel ativo em compor instituições e redes de cooperação para o intercâmbio cultural entre França e Portugal. Contudo, sua influência e cooperação também atingem o Brasil, pois ele colaborou com a *Revista Moderna* e se torna correspondente do jornal *O país*, cujo diretor é Quintino Bocaiúva (Prune, 2019).

A Revista Moderna foi uma publicação luso-brasileira editada e impressa em Paris e, mesmo que efêmera, perdurou entre 1897 e 1899 com 30 números, tendo repercutido dentre a elite intelectual brasileira (Flexa, 2019, p. 173-178). Eça de Queiroz foi um de seus colaboradores e suas páginas foram recheadas de discussões literárias, porém o mais interessante é que na *Revista...* de 1898 (n. 26), encontramos propaganda da publicação *L'Humanité Nouvelle*. O anúncio arrola seus principais colaboradores, os quais citamos: P. Kropotkin, os irmãos Élie e Elisée Reclus, Jean Grave e o próprio Xavier de Carvalho.

Desde 1897, *L'Humanité...* estava sob a direção de A. Hamon, anarquista francês que lhe confere uma linha editorial cada vez mais eclética e não estritamente anarquista. Isso causa um mal estar com Jean Grave e os irmãos Reclus, que culmina no rompimento com a revista quando Hamon publica materiais de caráter antisemita (Page, 1992). Mesmo que relativamente desconhecido, o nome de Hamon é comumente mencionado pelos brasileiros (Parra, 2013;

Viana, 2014), porém, como vimos, sua postura o afastou do anarquismo e foi a causa da crise na *L'Humanité Nouvelle*.

Ademais, como dissemos, Xavier de Carvalho era correspondente no jornal *O paíz*, assinando a coluna Carta de Paris que frequentemente exhibe um misto de noticiário político e cultural. Não raro, Xavier de Carvalho publica notícias sobre Kropotkin. Em 1910, ele anuncia o lançamento da edição francesa de *Campos fábricas e oficinas*, dizendo que “é um livro que todos os brasileiros do interior devem compulsar” (Carvalho, 1910), por trazer informações de como otimizar o trabalho na agricultura. Carvalho esclarece que o livro tem um caráter mais reformista e não revolucionário jacobinista, de certo, um comentário que desagradaria Kropotkin, mas que poderia tornar o livro atraente para um público simpático ao socialismo moderado. Alguns anos depois, Carvalho faz uma curta resenha do livro *La Science moderne et l'anarchie*, afirmando que o anarquismo é “...nascid[o] da evolução mental das massas populares, às quais, convém notar, devemos todas as instituições de direito comum” (Carvalho, 1913, s.p.).

Carvalho ainda faz questão de distinguir o anarquismo de Kropotkin da corrente individualista e terrorista, advertindo seu leitor que não confunda tais orientações, pois as ideias de Kropotkin são “altas em concepções filosóficas, devem ser estudadas a fundo” (Carvalho, 1913, s.p.).

Kropotkin também repercute em São Paulo, pois, em 1905, o jornalista e anarquista brasileiro Benjamin Mota escreve artigo sobre a anarquista Louise Michel, que cita a autobiografia de Kropotkin (Estado, 1905). O jornal *O Estado de São Paulo*, em 1911, publica uma reportagem sobre o progresso fabril paulista que cita o anarquista e sua interpretação acerca da industrialização russa, que,

similar à brasileira, começou tardiamente se comparada à inglesa ou à francesa, mas que, por isso, conseguiu se aprimorar velozmente (Estado, 1911, p. 6).

Nas páginas jornalísticas, encontramos testemunhos da solidariedade internacional. Na edição d'*O Estado...* de janeiro de 1913 (p. 11) é publicado uma campanha de financiamento para uma viagem de Kropotkin a Portugal, para tratar de sua saúde em Lisboa, fugindo do clima hostil de Londres. Os interessados poderiam colaborar comparecendo à 'Livraria Lealdade', na rua São Bento na cidade de São Paulo. Nessa época, o jornalista e escritor português João J. Grave – não confundir com o anarquista francês – escreve uma crônica sobre a chegada de Kropotkin em Lisboa:

Não pretendo, porém, fazer uma larga crítica das doutrinas de Kropotkin, que é, de todos os propagandistas de uma nova sociologia, o mais simpático pela sua coerência, e o mais eminente por sua complexa cerebração. O que quis foi apenas traçar algumas linhas sobre a individualidade de este apóstolo que como Buda renunciou às grandezas temporais e que chega ao fim da vida coberto de bençãos dos escravizados, a quem sempre amou e por quem tenazmente combateu. Os portugueses, sempre sonhadores, sempre idealistas e poetas vão ter ocasião de vê-lo nas ruas de Lisboa, com suas longas barbas de profeta e seus olhos doces e azuis! (Grave, 1913, p. 4).

Apesar de, nas biografias de Kropotkin, não existir registro de sua passagem por Portugal, devido à saúde frágil, o russo buscava viajar para fora da Inglaterra durante o inverno (Miller, 1979). Sem dúvidas, o texto de Grave é elogioso e mesmo que Kropotkin não estivesse fisicamente em Lisboa, suas ideias, textos e livros circulavam dentre portugueses e chegavam até o Brasil em um contexto de grande proximidade cultural.

Por fim, ressaltamos que exploramos uma ínfima parte dos artigos e das menções de Kropotkin nos jornais. Não nos debruçamos, por exemplo, sobre as notícias em que seu nome está relacionado à prisão de anarquistas, contudo, fica claro que mesmo em textos menos elogiosos, não se deixa de reconhecer os méritos científicos e filosóficos do pensador russo. É interessante notar que os jornais da época repercutem a opinião de Kropotkin sobre a agressão alemã à França e a deflagração da Primeira Guerra Mundial (Estado, 1914), ou ainda noticiam sua satisfação frente à Revolução Russa de 1917 (Gazeta, 1917). A opinião de Kropotkin, é sem dúvidas, uma referência importante.

Considerações Finais

Mesmo sendo, por vezes, reconhecido como geógrafo no início do século XX, P. Kropotkin repercutiu timidamente na geografia brasileira antes do desenvolvimento da geografia crítica. No entanto, se observamos os acervos depositados nas bibliotecas e as notícias de jornal, notamos que sua presença é robusta. Muitas de suas obras tiveram franca circulação no Brasil, se valendo de traduções para o português ou para os idiomas latinos. Mesmo tendo repercutido pouco na geografia de então, em fase de pré-institucionalização universitária, Kropotkin interessava os literatos engajados nos debates políticos sobre o Brasil e/ou nas contradições da modernização capitalista. Suas obras eram igualmente objeto de interesse de pensadores sociais, muitos dos quais com algum tipo de engajamento político.

Pode-se concluir que Kropotkin repercutiu no movimento dos trabalhadores e na cultura operária, incluindo aí iniciativas de

popularização científica e de formação intelectual dos trabalhadores e militantes, sendo que, paralelamente, o russo foi capaz de chamar a atenção da elite intelectual. Se de um lado, os trabalhadores migrantes traziam suas obras e ideias para o Brasil, de outro, os jornalistas e poetas portugueses o propagandeavam nos jornais e revistas. Obviamente, existe uma zona cinzenta entre os trabalhadores e os pensadores, uma vez que vários jovens intelectuais foram ao povo, ao passo que vários operários, camponeses e sindicalistas se formaram nas lutas sociais, aumentando seu capital cultural, social e político. Nesse sentido, as contribuições de Kropotkin são parte, sem sombra de dúvidas, de um arcabouço formativo da esquerda brasileira, seja no tocante à definição do anarquismo, seja no seu estudo sobre a Revolução Francesa ou ainda na análise da literatura russa. Dessa forma, ele acaba se consolidando como uma espécie de cânone da tradição socialista. Paralelamente, a obra de Kropotkin sobre a literatura de seu país foi a porta de entrada para que vários brasileiros conhecessem a formação, os problemas e os imortais do verso e da prosa russa.

O esmaecimento do anarquismo em detrimento do comunismo não foi capaz de obliterar completamente sua força, pois sua situação de sucesso decorre de seu prestígio internacional em países como Itália, Espanha e Portugal e igualmente de sua capacidade de dar respostas às questões políticas candentes de seu tempo, por meio de sua agenda anarcocomunista em resposta ao processo contraditório de modernização capitalista.

Se por um lado, o pensamento de Kropotkin se converte em um universal, para usar uma noção de Bourdieu (2016, p. 155), com alto prestígio tanto no campo político, quanto científico, de outro sua

tradução para o contexto nacional obedeceu aos interesses dos campos e nichos que apreenderam seu pensamento em busca de uma legitimação e uma distinção, de forma seletiva, de acordo com suas posições (Bourdieu, 2023).

Claramente, seu sucesso mundial se deve ao internacionalismo e à estratégia editorial que se preocupou pouco com direitos autorais e mais com a difusão e tradução das obras. Outro elemento impulsionador é o reconhecimento de Kropotkin como cientista e filósofo, ou seja, seu capital cultural ampliava seu capital político, pois a anarquia seria uma resposta científica, materialista e racional aos problemas do capitalismo do início do século XX.

O resultado desse processo foi a tradução de suas obras na periferia do capitalismo por militantes ou tradutores profissionais. Suas obras sobre a geomorfologia da Sibéria, que lhe conferiram fama na juventude, só teriam a capacidade de atrair um público restrito – mesmo na geografia brasileira –, ao contrário de escritos sobre o positivismo, a grande revolução ou a literatura russa, o que justifica sua repercussão nos trópicos. Apesar de obras como *A conquista do pão* terem uma dimensão que remete à geografia econômica e ao que hoje se discute como justiça espacial, é só recentemente que os geógrafos se ativeram a ela. Finalizamos afirmando que ainda existe muito a ser estudado sobre a presença de Kropotkin no Brasil e sua chegada intermediada por trabalhadores, militantes e jornalistas.

Referências

AMARAL, G. C. do. Eloy Pontes: crítica e/ou biografia. **Olhos d'água**, v. 13, n. 2, p. 46-55, 2021.

ANGELO, M. **Les Développeurs: Louis-Joseph Lebreton e a SAGMACS na formação de um grupo de ação para o planejamento urbano no Brasil**. São Paulo: Tese de Doutorado, pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (USP), 2010.

AVRICH, P. Kropotkin in America. **International Review of Social History**, 25(1), 1-34, 1980.

BOURDIEU, P. **Impérialismes - circulation internationale des idées et luttes pour l'universel**. Paris: Raisons d'agir, 2023

BOURDIEU, P. **Razões Práticas - sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 2016.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência**. São Paulo: Editora da Unesp, 2003.

BOURDIEU, P. **Science de la science et réflexivité**. Paris: Éditions Raison d'agir, 2001.

CHIQUITO, E. de A. **A Comissão Interestadual da Bacia Paraná-Uruguaí: do planejamento do vale aos polos de desenvolvimento**. São Carlos: Tese de Doutorado – Escola de Engenharia de São Carlos (USP), 2011.

CARVALHO, J. F. X. de. Carta de Paris. **O país**, Rio de Janeiro, 13 de junho de 1913.

CARVALHO, J. F. X. de. Carta de Paris. **O país**, Rio de Janeiro, 19 de dezembro de 1910.

CUNHA, E. da. **À margem da história**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DANTAS, Carolina Vianna. “Terra livre (verbete)”. In ABREU, A. A. (coord.) **Dicionário Histórico-Biográfico da Primeira República (1889-1930)**. Rio de Janeiro: CPDOC-FGV online, 2010.

- DUGATKIN, L. A. **The prince of revolution**. S.L.: CreateSpace, 2011.
- DULLES, John W. F. **Anarquistas e Comunistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1973.
- FEBVE, L.; MARTIM, H.-J. **O aparecimento do livro**. São Paulo: Edusp, 2015.
- FERRETTI, F. **Anarchy and geography – Reclus and Kropotkin in the UK**. Londres e Nova York: Routledge, 2019.
- FERRETTI, F. Troca cultural e circulação do saber geográfico. **Terra Brasilis**, nova série, n. 5, 2015.
- FERRETTI, F. The correspondence between Élisée Reclus and Petr Kropotkin as a source for the history of geography. **Journal of Historical Geography**, v. 37, n. 2, p. 216-222, 2011.
- FERRETTI, F. **Il mondo senza mappa**. Milão: Zero in condotta, 2007.
- FLEXA, A. dos S. Revista moderna (1897-1899): correio ilustrado oitocentista. **Littera Online**, n. XIX, p. 174-189, 2019.
- GOMIDE, Bruno. **Da estepe a catinga: o romance russo no Brasil (1887-1936)**. São Paulo: Tese de Doutorado – pós-graduação em teoria e história literária (Unicamp), 2004.
- LOTTMAN, H. R. **A rive gauche: escritores, artistas e políticos em Paris – 1934-1953**. São Paulo: José Olympio, 2009.
- KEIGHEN, Innes M. **Bringing Geography to Book**. Londres: I. B. Tauris, 2010.
- KROPOTKIN, P. **La Science moderne et l'anarchie**. Paris: Stock, 1913.
- MAIA, J. M. E. **A terra com invenção**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- MENEZES, L. M. de. Revolução pela evolução: as ideias de Kropotkin na cidade do Rio de Janeiro. In TRONCOSO, H.C.; KLENGEL, S.; e LOENZO, N. (ed.) **Nuevas Perspectivas teóricas y metodológicas de la história intelectual de América Latina**. S. L.: Vervuert, 1999.

MILLER, Martin. **Kropotkin**. Chicago: Chicago University Press, 1976.

MINISTÉRIO da Cultura. Jaime Cortesão e Raul Proença. **Catálogo da Exposição Comemorativa do Primeiro Centenário (1884-1984)**. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1985.

MURARI, L. **Natureza e cultura no Brasil (1870-1922)**. São Paulo: Editora Alameda, 2009.

PAGE, Dominique Le. De Paris à la Bretagne: Augustin Hamon. **Le mouvement social**, n. 160, p. 99-124, 1992.

PARRA, Lúcia Silva. **Leituras libertárias: cultura anarquista na São Paulo dos anos 1930**. São Paulo: Dissertação de Mestrado, pós-graduação em estudos culturais (USP), 2013.

PEREIRA, Davidson Matheus. Patriarcado, Estado e capitalismo: A geografia antipatriarcal de Élisée Reclus e Piotr Kropotkin. **Terra Livre**, v. 2, n. 55, p. 39–72, 2021. DOI: 10.62516/terra_livre.2020.2115. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/2115>. Acesso em: 27 ago. 2025.

PRÉPOSIET, Jean. **História do anarquismo**. Lisboa: Edições 70, 2007.

PRUNE, Iris Catteau, Esboço biobibliográfico de José Francisco Xavier de Carvalho mediador cultural e literário em Paris de 1885 a 1919. **Reflexos**, n. 4, Paris-Lisbonne: un dialogue capital, mis à jour le: 02/05/2019, URL: <<https://revues.univ-tlse2.fr:443/reflexos/index.php?id=567>>.

RODRIGUES, Edgar. **História do movimento anarquista no Brasil**. Piracicaba: Ateneu Diego Giménez, 2010.

ROMANI, C. M.; BENEVIDES, B. C. de S. e. A rede dos anarquistas italianos em São Paulo no início do Século XX. **Revista de estudos libertários (REL)**, v. 2, p. 1-28, 2019.

SECCO, Lincoln. **A batalha dos livros**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2017.

SHPAYER-MAKOV, H. The reception of Peter Kropotkin in Britain, 1886-1917. **Albion: a quarterly journal concerned with British Studies**, v. 19, n. 3, p. 373-390, 1987.

SVARCH, A. Salomón Resnick and the Judaica Project: Translation Strategies and Representation in the Making of Jewish-Argentines (1933-1946). **História Crítica**, n. 80, p. 103-127, 2021.

SCHWARCZ, L. **Lima Barreto, triste visionário**. São Paulo: Companhia das letras, 2017.

TRATENBERG, M. **Kropotkin – textos escolhidos**. Porto Alegre: LPM, 1987.

VARENGO, S. El anarquismo británico y el periódico Freedom. **Germinal**, n. 14, p. 3-37, 2018.

VARENGO S. **Prima dela tempesta - il pensiero anarchico attraverso le pagin di “Freedom”**. Milão: Tese de doutorado – Università degli studi di Milano, 2011.

VIANA, A. B. **Anarchismo em papel e tinta: imprensa, edição e cultura libertária (1945-1968)**. Fortaleza: Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em História Social (UFC), 2014.

Fontes jornalísticas

A FEDERAÇÃO: Órgão do partido republicano, Porto Alegre, ano IX, edição 110, 16 de maio de 1892, p. 1.

ACÇÃO Direta, ano 13, n. 127, junho de 1958, p. 3.

ESTADO de S. Paulo, São Paulo, 22 de dezembro de 1914, p. 3 e 4.

ESTADO de S. Paulo, São Paulo, 28 de janeiro de 1913, p. 3 e 4.

ESTADO de S. Paulo, São Paulo, 15 de setembro de 1911, p. 6.

ESTADO de S. Paulo, São Paulo, 12 de janeiro de 1905, p. 1.

GAZETA de Notícias, Rio de Janeiro, 18 de março 1917, p. 2.

GAZETA de Notícias, Rio de Janeiro, 4 de dezembro 1916, p. 2.

GAZETA de Notícias, Rio de Janeiro, 1 de setembro 1910, p. 8.

GAZETA de Notícias, Rio de Janeiro, n. 6, ano XXXII, 6 de jan. 1906, p. 1.

GAZETA de Notícias, Rio de Janeiro, n. 261, ano XII, 18 de set. 1886, p. 1.

GRAVE, João J. Kropotkin em Lisboa. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 17 de janeiro de 1913, p. 4.

JORNAL do Comércio, Rio de Janeiro, ano 70, n. 121, 1 mai. 1892, p. 1.

Recebido para publicação em 23/05/2025

Aceito para publicação em 05/09/2025